

INFLUÊNCIA DA CONFORMAÇÃO ANATÔMICA NA TEMPERATURA OTOLÓGICA

CARLOS EDUARDO GUIMARÃES¹; BRUNA DIAS FAGUNDES²; CLÁUDIA BEATRIZ DE M. MENDES³; SABRINA DE OLIVEIRA CAPELLA⁴; RISCIELA SALARDI ALVES DE BRITO⁵; MÁRCIA DE OLIVEIRA NOBRE⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – cadugvet@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bruna—dias@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – claudiabeatrizmm@gmail.co

⁴Universidade Federal de Pelotas – capellas.oliveira@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – risciel234@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos, os animais se tornaram parte da família, noticiando, exponencialmente, a casuística de uma enorme gama de enfermidades, antes ignoradas. Dentre elas, a otite canina ou felina (esta com baixa incidência) (KENNIS, 2013), que se trata de uma inflamação do conduto auditivo, podendo se dividir em externa e média, unilateral ou bilateral, aguda ou crônica; Sendo suas causas nutricional, metabólica, patológica, entre outras (ZUR, 2011).

As otites são problemáticas recorrentes dentro da clínica médica de pequenos animais, visto que produzem um desconforto considerável aos pacientes, seja este pruriginoso ou doloroso, além de permear, secundariamente, enfermidades locais, como desregulação da microbiota fúngica e/ou bacteriana; ou sistêmicas, pois diminuem a imunidade, facilitando o desenvolvimento de doenças inexistentes ou ocultas, nesses animais (NASCENTE, 2009).

O diagnóstico é feito por meio de análise otoscópica, visualizando quantidade e cor de cerúmen apresentado, temperatura, eritema e lesões, auxiliados pelos sinais clínicos presentes (reflexo otopodal, otalgia, prurido) (NUTTAL, 2014). Concomitantemente, a coleta com swab estéril de material/secreção, para cultura e identificação dos agentes estressantes, tornando o seu tratamento mais específico e eficiente (CHIAVASSA, 2014).

Devido a esse conjunto de constatações, existe a necessidade de se conhecer fatores predisponentes a essa enfermidade. O presente trabalho teve como objetivo retratar a influência anatômica na temperatura do meato acústico de cães com otite.

2. METODOLOGIA

Foram analisados, via otoscópica 14 cães de raça, sexo e idade variadas; diagnosticados com otite previamente, por meio de exame clínico e análise laboratorial. Assim, foram avaliados 28 condutos (orelha esquerda e orelha direita) sendo verificada a conformação do pavilhão auricular e a temperatura com termômetro digital comum.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados (Tabela 1) não demonstraram variação considerável quanto à temperatura otológica do paciente se comparado com as distintas características de cada animal.

Tabela 1: Constatação das variações térmicas otológicas quanto às características anatômicas dos cães.

Cão	Conformação do conduto	Tº Orelha Esquerda (Cº)	Tº Orelha Direita (Cº)
1	Pendular	37,7	36,9
2	Semi-Pendular	37	36,8
3	Semi-Pendular	38,2	38,2
4	Pendular	37,7	37,7
5	Pendular	37,9	38,3
6	Pendular	39	38
7	Pendular	38	36,5
8	Pendular	37,7	37,7
9	Pendular	37,3	37,4
10	Pendular	37,3	36,3
11	Semi-Pendular	37,7	37,3
12	Semi-Pendular	39,2	38,7
13	Semi-Pendular	38,2	38,3
14	Semi-Pendular	37,3	37,8

Dos 14 cães analisados, oito (57,14%) apresentavam padrão pendular e seis (42,85%) padrão semi-pendular. Respectivamente, eles apresentaram temperatura média de 37.35°C (OD) e 37.83°C (OE); e 37.85°C (OD) e 37,93°C (OE). Por fim, a temperatura média do conduto direito foi de 37.56°C, enquanto a do esquerdo foi de 37.87°C.

A literatura nos traz que quanto maior a temperatura de um microambiente, no caso o conduto auditivo, maior a possibilidade de se existir um desenvolvimento considerável da microbiota local como bactérias (NUTTAL, 2014) e fungos (NASCENTE, 2009), devido à presença do substrato já presente (cerúmen), possibilitando o aumento de seu metabolismo energético, e permitindo a alta taxa de multiplicação. Com esse aumento da população, ocorre um desequilíbrio natural, provocando os distúrbios comuns, citados por Zur (2011).

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que, no presente estudo, não foi comprovada uma relação diretamente proporcional entre a temperatura do conduto auditivo e a conformação das orelhas. Entre as orelhas direita e esquerda, foi constatada uma variação mínima entre a temperatura das mesmas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIAVASSA, P. TIZZANI, A. PEANO. In Vitro Antifungal Susceptibility of *Malassezia pachydermatis*, Strains Isolated from Dogs with Chronic and Acute Otitis Externa. **SPRINGER**, Università di Torino-Italy, p.315-319, 2014.

CZYZEWSKA U., BARTOSZEWICZ M., SIEMIENIUK M., TYLICKI A. Genetic relationships and population structure of *Malassezia pachydermatis* strains isolated

from dogs with otitis externa and healthy dogs. **Taylor & Francis Group**, University of Bialystok-Poland, p. 1-11, 2018.

KENNIS, ROBERT A. Feline Otitis: Diagnostic and Treatment. **Veterinary Clinic in Small Animals**, Auburn University, v. 43, p 51–56, 2013.

NASCENTE P.S, MEINERZ RAQUEL M., FARIA RENATA O.,SCHUCH LUIZ F.D.,MEIRELES MÁRIO C.A., MELLO JOÃO B. Clsi Broth Microdilution Method For Testing Susceptibility Of Malassezia Pachydermatis To Thiabendazole. **Brazilian Journal of Microbiology**, UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p.222-223, 2009.

NUTTALL T., BENSIGNOR E. A pilot study to develop an objective clinical score for canine otitis externa. **VETERINARY DERMATOLOGY**, University of Edinburgh UK, n.25, p. 530–e92, 2014.

REIS A, DALMOLIN SP,DALLEGRAVE E. Modelos animais para avaliação auditiva: Revisão de leitura. **Revista CEFAC**,UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, p. 418-428,2017.

USUI R., OKADA Y., FUKUI E., HASEGAWA A. A canine case of otitis media examined and cured using a video otoscope. **The Journal of Veterinary Medical Science**, Japan,p.237–239, 2015.

ZUR G., LIFSHITZ B., BDOLAH- ABRAM T. The association between the signalment, common causes of canine otitis externa and pathogens. **Journal of Small Animal Practice**, Israel, v.52, p.254-258, 2011.